

AS CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA REVISÃO DE LITERATURA

Gabriela Torma Moreira 1

RESUMO

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC é o referencial documental mais recente destinado a orientar a Educação Básica Brasileira, e possui grande importância em termos de novas concepções que orientam a sua primeira etapa, qual seja a educação infantil. Esta primeira etapa, abrange uma fase extremamente significativa na formação dos bebês, crianças bem pequenas e crianças, e é necessário destinar estudos e pesquisas para esta área, a fim de a compreendermos melhor. A escolha do tema desta pesquisa se deu pela necessidade de compreendermos melhor o ensino de ciências na educação infantil, a partir das normativas da BNCC, a partir da revisão de literatura feita pela pesquisa de palavras-chaves em três plataformas dentre elas: Portal de Periódico da Capes; Scientific Electronic Library Online (SciELO); Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). Como resultado deste estudo, foram produzidas cinco categorias emergentes a partir da Análise Textual Discursiva para a revisão de literatura, as quais sinalizam e direcionam nosso olhar investigativo para: Vivências e Experiências; Aprendizagens; Concepções das Infâncias; Currículo na Educação Infantil; A Especificidade da Docência na Educação Infantil. Como Resultado, foi produzida uma grande reflexão sobre as Ciências na Educação Infantil a partir da perspectiva da BNCC.

Palavras-chave: BNCC, educação infantil, ciências.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, e tem a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação infantil (DCNEI's/ nº20/2009 parecer CNE/CEB) definido como eixos estruturantes do currículo a interação e a brincadeira. Nesta etapa da educação é onde se criam os primeiros laços da criança fora do ambiente familiar e inicia assim seu caminho como cidadão e indivíduo em processo de subjetivação, o qual carrega seus desejos, anseios, vontades e expectativas. É um espaço de cuidado, aprendizado, interações, brincadeiras, experiências e incentivo da criatividade, criticidade e desejo de aprender. Para Vigotski (2000), a constituição humana tem seu caráter “mediado da atividade psíquica e a origem dos processos psíquicos interiores na atividade inicialmente externa e intersíquica” (p. XII).

Nesta perspectiva, o social e o cultural tem papel preponderante na constituição da criança e o ensino de ciência, na escola é a oportunidade de a criança vivenciar

¹ Mestranda do Curso de **Educação em ciências** da Universidade Federal do Rio Grande- FURG, gabriela.torma@gmail.com;

experiências e conhecer novas portas de conhecimento, longe de pré conceitos e padrões impostos pela família ou pela sociedade imediata. Por esse motivo dá-se a importância deste trabalho, que buscará entender a ciências dentro dos campos de experiência previsto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC, BRASIL, 2018), que são: Eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações; ainda dentro da educação infantil.

A escolha da temática se justifica ao se perceber novas descobertas a partir da implantação/implementação da BNCC para todas as etapas da educação básica no Brasil, surgindo a partir daí novas demandas de investigações e descobertas sobre como devem ser desenvolvidas as aprendizagens na educação infantil. Com o intuito de mapear não apenas os documentos que servirão como referencial para a pesquisa, buscou-se adentrar nas produções recentes acerca da temática, para o qual fez-se uma revisão de literatura em três plataformas, dentre elas: Portal de Periódico da Capes; Scientific Electronic Library Online (SciELO); Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

METODOLOGIA

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, e tem a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação infantil (DCNEI's/ nº20/2009 parecer CNE/CEB) definido como eixos estruturantes do currículo a interação e a brincadeira . Nesta etapa da educação é onde se criam os primeiros laços da criança fora do ambiente familiar e inicia assim seu caminho como cidadão e indivíduo em processo de subjetivação, o qual carrega seus desejos, anseios, vontades e expectativas. É um espaço de cuidado, aprendizado, interações, brincadeiras, experiências e incentivo da criatividade, criticidade e desejo de aprender. Para Vigotski (2000), a constituição humana tem seu caráter “mediado da atividade psíquica e a origem dos processos psíquicos interiores na atividade inicialmente externa e intersíquica” (p. XII).

Nesta perspectiva, o social e o cultural tem papel preponderante na constituição da criança e o ensino de ciência, na escola é a oportunidade de a criança vivenciar experiências e conhecer novas portas de conhecimento, longe de pré conceitos e padrões impostos pela família ou pela sociedade imediata. Por esse motivo dá-se a importância deste trabalho, que buscará entender a ciências dentro dos campos de experiência previsto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC, BRASIL, 2018), que são: Eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala,

pensamento e imaginação; Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações; ainda dentro da educação infantil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este tópico consiste em apresentar os resultados obtidos através das categorias finais e seus metatextos, disponíveis a partir da realização da análise textual discursiva. As categorias que seguem foram nomeadas conforme segue:

Vivências e experiências

Quando falamos sobre experiência na educação infantil é importante que o debate se inicie a partir do esclarecimento da diferença entre experiência e vivência. Muitas vezes confundidas, essas palavras possuem uma grande diferença quando se trata do cotidiano das escolas infantis. Lima (2020) afirma que para diferenciarmos experiência de vivência precisamos identificar que “todos os dias passamos por muitas situações, porém a maior parte não se constituirá em uma experiência promotora de conhecimento, caso não se transforme em sentido para nossas vidas” (p. 56-57). Dessa forma, podemos concluir que as situações que vivenciamos no nosso cotidiano são vivências, porém elas só se tornam experiências quando elas nos tocam, a “experiência é algo capaz de nos transformar de nos marcar nas entranhas” (LIMA, 2020, p. 20). A vivência passa a ser uma experiência quando ela emociona, marca e faz relacionarmos o novo com algo que já conhecíamos “experiências estas que permitem à criança se misturar ao mundo construindo aprendizagens significativas e subjetividades” (BARROS, 2018, p. 22). Viver uma experiência na escola oportuniza momentos e aprendizagens únicas e individuais, Bondía (2002) afirma que,

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (p. 24).

Por isso, a importância de utilizarmos o espaço da educação infantil como promotor dessas vivências únicas e promotoras de histórias, que trazem consigo a riqueza de novas descobertas e aprendizados.

A BNCC vem trazendo consigo um grande debate sobre o que são os campos de experiência na relação com a aprendizagem. O documento afirma que “os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências

concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural” (BRASIL, 2017, p. 40). Nesse sentido, concomitante a esta afirmação Barros (2019) afirma,

[...] os campos de experiência objetivam servir de referência para as instituições de educação infantil construírem o currículo, que serve de apoio para o planejamento pedagógico dos docentes, alinhado aos interesses e necessidades da criança para que as vivências educativas sejam significativas (p. 46).

Nem toda a experiência é um experimento, por isso é importante identificar que “é imprescindível localizar o que é experiência na Educação Infantil, quais são as intenções, no que se difere das áreas de conhecimento” (LIMA, 2020, p. 56). Primeiramente, é necessário dissociarmos a experiência do experimento a fim de “nos atentar para que tenhamos clareza da distinção de experiência e experimento” (LIMA, 2020, p. 21), a experiência é ‘aquilo que nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma” (BONDÍA, 2002, p. 26), enquanto o experimento é buscar por meio de tentativas, encontrar possibilidades e descobrir novas possibilidades.

As situações cotidianas levam a aprendizagens significativas, por meio das vivências na escola, as crianças aprendem e criam suas hipóteses sobre como as coisas funcionam, segundo Simiano e Simão (2016, p. 83) “o percurso de aprender na educação infantil também exige ser assumido como uma experiência em sua dimensão de incerteza e imprevisibilidade”, as tentativas, mesmo quando falham, são a melhor maneira que as crianças aprendem. Os processos interativos, permeados pelas experiências e vivências da educação infantil, conforme os acontecimentos se sucedam, devem ser relacionados a fim de tornarem-se concretos. Afinal, “as ações educativas articuladas aos saberes e experiências providas num processo relacional” (LIMA, 2020, p. 21) tornam-se por meio das ações, aprendizagens significativas.

Ao pesquisar sobre ciências na educação infantil, foram encontradas afirmações como “curiosidade natural que as crianças têm do mundo que as cerca e que as fascina” (HAILE, 2018, p. 84) ou “muitos temas surgem numa sala de aula devido à curiosidade das crianças” (HAILE, 2018, p. 29). Ao nos depararmos com esse tipo de afirmação, algumas dúvidas surgem referente a essa curiosidade: de onde surge essa curiosidade? Essa curiosidade é desenvolvida ou ela é inata à criança? Nesse momento nos debatemos com uma generalização sobre a infância, que não é única nem singular, estando assim, longe de poder ser generalizada.

A infância é um tempo de vivenciar as experiências e a partir delas, estabelecer diferentes modos de reconhecer o mundo, e afirmativas generalizadoras como ‘as crianças são

curiosas’, ‘as crianças possuem uma criatividade inerente’, são afirmativas baseadas em ideias preestabelecidas e sem embasamento. Sarmiento (2004, p. 1) afirma a existência de uma “pluralização dos modos de ser criança” e uma “heterogeneização da infância”, o que reafirma a importância de rever os conceitos e conclusões que se tem sobre as infâncias.

Na escola, uma das riquezas do cotidiano, é a percepção da diferença do aprendizado entre os colegas, “a experiência é única, embora o cotidiano educativo seja coletivo e comum” (SIMIANO; SIMÃO, 2016, p. 83). Embora os indivíduos vivenciem o espaço coletivamente, “o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal” (BONDÍA, 2002, p. 27). A aprendizagem vem a partir da experiência vivida, é importante criarmos “uma concepção de educação que compreenda a experiência como forma privilegiada de viver a infância e rica possibilidade de as crianças elaborarem sentidos e significados sobre o mundo pessoal, social e cultural” (SIMIANO; SIMÃO, 2016, p. 82).

Percebe-se a importância de pesquisar sobre os princípios da educação científica ainda na educação infantil e “valorizar as experiências com o mundo para a ampliação de aprendizados, estimular a imaginação e a indagação são princípios de toda educação científica” (HAILE, 2018, p. 86), desde os primeiros momentos da educação básica. A educação infantil é a primeira fase da educação e neste sentido, serve como um ambiente potencializador de aprendizagens, curiosidade, investigações e experimentações, sendo um ponto de partida para reconhecer novas possibilidades.

Aprendizagens

As aprendizagens são construídas diariamente na escola. “As crianças, em suas invenções, investigações, brincadeiras, descobertas criam seus percursos de aprendizagens” (SIMIANO; SIMÃO, 2016, p. 83) e a escola, deve proporcionar esses espaços de aprendizagens e descobertas para que as crianças possam vivenciar esses momentos no seu cotidiano escolar.

Nesta primeira etapa da educação básica, o brincar toma um papel importante na construção das aprendizagens da criança, por meio dele, elas constroem suas hipóteses e teorias sobre o mundo, se permitindo viver experiências extremamente significativas para a sua constituição. Segundo Dias (2019, p. 47), “os jogos e as brincadeiras são fundamentais para o desenvolvimento de atitudes e posturas para a aprendizagem”, principalmente quando se trata da primeira infância, na qual as primeiras investigações

vêm a partir desses momentos, muitas vezes de trocas e compartilhamentos com os colegas.

As aprendizagens se potencializam com a vivência dos experimentos. Segundo Dias (2019, p. 47) “as atividades experimentais seriam uma excelente oportunidade para vivenciar e fomentar o espírito criativo e investigativo das crianças”, porém, é necessário instruí-las que esta não é a única forma de fazermos/vermos a existência da ciência ou do pensamento científico. As crianças possuem uma grande capacidade de compreender o mundo onde vivem, só necessitam que seja proporcionado a elas, estratégia para o fazê-lo.

Concepções de infância

Ao refletirmos sobre o conceito de criança, é necessário a sua compreensão como um ser integral, e que se constitui. Como afirma Lima (2020, p. 24), “uma pessoa inteira em seus aspectos motores, afetivos, cognitivos e linguísticos”. Com o passar do tempo, o conceito de criança foi se modificando, inicialmente elas eram “consideradas como meros seres biológicos, sem estatuto social nem autonomia existencial” (SARMENTO, 2004, p. 3), que estava pronta para ser lapidada e se tornar algo, concluindo assim que “apesar de sempre ter havido crianças, nem sempre houve infância” (SARMENTO, 2004, p. 3).

Hoje já identifica-se os pequenos como seres completos que carregam consigo bagagens, histórias, culturas, desejos, anseios, experiências, entre outros aspectos que as tornam únicas e completas. Por isso, é importante garantir que “cada criança se insira na sociedade não como um ser estranho, mas como um actor social portador da novidade que é inerente à sua pertença à geração que dá continuidade e faz renascer o mundo” (SARMENTO, 2004, p. 2), dando-as espaço de pertencimento e de protagonismo para o seu reconhecimento de novos valores e aprendizados que as experiências lhe proporcionarão.

Assim como a criança deve ser entendida como um ser integral, “a concepção de criança, protagonista do seu aprendizado, respeitada nos seus direitos e sempre ocupando um lugar de capaz, curiosa, ativa” (LIMA, 2020, p. 59), deve-se observar esse ser que traz consigo um infinito de possibilidades, e oportunizá-lo a vivenciar suas experiências a partir de seu olhar. Muitas vezes, ao tentar facilitar uma tentativa, tentando fugir de frustrações, o professor acaba interferindo na aprendizagem. Toda a tentativa é uma experiência e por si só ela já é um aprendizado, mesmo quando não acaba da maneira planejada.

A infância é o momento de despertar o interesse pelo mundo, e a escola tem um papel fundamental para esse despertar. Segundo Simiano e Simão (2016, p. 78), “pensar a experiência como forma privilegiada de viver a infância requer acreditar na rica possibilidade de as crianças elaborarem sentidos e significados sobre o mundo”. A escola como um ambiente socializador promove vivências diversas, essas que são ricas para o desenvolvimento de novos olhares sobre o mundo, esses novos olhares, causam dúvidas, e inquietações, essas que são responsáveis pela nova elaboração de sentidos sobre o mundo. Como profissional da primeira infância, o pedagogo precisa perceber essas inquietações e auxiliar a criança a transformá-la em algum sentido. Esse interesse correspondido, pode ser um estímulo para o despertar da curiosidade infantil.

Sendo assim, é importante que as temáticas das ciências estejam presentes no cotidiano escolar da criança desde a sua mais tenra idade. É igualmente necessário perceber que “a infância modifica-se a partir da realidade em que ela está inserida, tais como os contextos econômico, social, político, cultural, tecnológico e ideológico” (BARROS, 2019, p. 39). Então dentro da escola podemos perceber todos esses aspectos considerando a sua pluralidade, em convívio cotidiano, por esse motivo, a escola demonstra seu rico potencial na aprendizagem da convivência.

Currículo na educação infantil

A escola é sede de uma gama de compartilhamentos de saberes e processos interativos. Sabemos que na nossa sociedade existe uma vasta diversidade de culturas e contextos, a escola, promove que já na infância a criança esteja exposta a vivenciar essas diferenças cotidianamente. Segundo Dias (2019, p. 22), “a infância traz, para as escolas, crianças que compartilham saberes e modos de se relacionar diversos”, e, dentro dessa diversidade, a criança começa a compreender que a sociedade é diferente e que existem outras culturas, passando a reconhecê-las e por consequência aprender a respeitá-las. Fortalecendo este argumento, Barros (2019) afirma que “as vivências na educação infantil são alicerces para a construção de habilidades sócio emocionais e relacionais” (p. 48).

A fim de promover aprendizagens significativas, é importante que o professor, em seu contexto cotidiano escolar, promova relação do aprendizado da criança com o seu planejamento, com vistas para o conhecimento científico. O planejar, na educação infantil deve ser um constante processo de modificação, sendo importante lidar com o inusitado, com o novo e com o momento, porém o importante é trazer a criança como centro desse planejamento, muitas vezes o inesperado surge, e nos proporciona aprendizados extremamente significativos e com potencial de diversas variações, contando com o

interesse da criança. Segundo Bassoto e Becker (2020, p. 4), “o conhecimento só é conhecimento quando organizado, relacionado e inserido no contexto das informações”. Por esse motivo, é necessário abrir o planejamento ao inusitado e tornar as vivências cotidianas uma parte da construção do aprendizado, pois, quando relacionado ele se torna realmente significativo.

O mundo científico deve ser introduzido à criança a partir da sua curiosidade e suas experiências. Estas, quando vivenciadas cotidianamente dentro do espaço escolar, “as crianças acabam inseridas no mundo do conhecimento científico, por meio de uma das mais relevantes motivações que é a curiosidade que emerge das relações e interações socioculturais” (HAILE, 2018, p. 13). Para o desenvolvimento dessa curiosidade é necessário que seja proporcionado a elas meios de pesquisa e de interesse de novas descobertas. Momentos como reconhecimento do espaço, troca de espaços no espaço físico onde as crianças vivenciam cotidianamente, saídas de campo, entre outras estratégias, são ferramentas para o desenvolvimento dessa curiosidade e assim, oportunidade de vivência de experiências científicas.

A partir dessas investigações surge o questionamento: qual o lugar das normativas como a BNCC no currículo da educação infantil? Barros (2019) afirma que “a base é uma ‘provocação’ para a retomada das reflexões sobre a educação infantil, um aprofundamento de conceitos e concepções” (p. 88-89), e refletir sobre essa afirmação é extremamente importante para a reflexão sobre a BNCC no currículo da educação infantil. Por se tratar de um documento novo, ainda existe dificuldade na compreensão da construção e na execução da Base. O que se deve compreender de antemão é que esta não é uma receita de bolo, pronta para ser seguida, pelo contrário, esta é uma ‘provocação’ como sugere Barros (2019), um convite para um novo olhar sobre as habilidades e aprendizagens necessárias na primeira infância.

Para que possamos desenvolver um novo olhar sobre a primeira etapa da educação básica a partir da BNCC é necessário “romper com a perspectiva de um currículo burocratizado e desvinculado da vida” (SIMIANO; SIMÃO, 2016, p. 78). É preciso observar a educação infantil como uma etapa potente e necessária para a construção da aprendizagem e o desenvolvimento pelo interesse de aprender na escola. Então é importante entendermos a Base na sua principal intenção como afirma Lima (2020, p. 52), “a Base não é currículo, mas balizadora, cabendo às redes, escolas e comunidades constituírem diálogos que, por meio da escuta das crianças e seus territórios, construam sua identidade em consonância com a cultura local”. É importante percebermos a criança

como um ser potente, que traz consigo a sua história, cultura, crença, aprendizagem, dentre outros aspectos de seu ser social, essas características se cruzam na escola, e se tornam potencialidades de aprendizagem, onde as crianças podem aprender e ensinar juntas, ao compartilharem e vivenciarem juntas suas experiências já trazidas e novas experiências que serão vivenciadas em conjunto. Conforme Haile (2018) afirma,

Mediante o dever aferido de planejar e mediar ações pelas quais o Ensino de Ciências esteja presente na Educação Infantil percebe-se a importância desse estudo na realidade das crianças e, que por meio de sua própria curiosidade, estabelecem bases pelas quais desenvolvem seu conhecimento científico (p. 28).

Então, a partir das vivências, das realidades e das experiências trazidas individualmente pelas crianças, se proporciona um ambiente rico de saberes, levar em conta esses saberes e essas diferentes realidades, deve fazer parte da construção do currículo da educação infantil.

2.5 A Especificidade da Docência na Educação Infantil

O pedagogo investe na interação do indivíduo com o mundo. Como mediadores da aprendizagem, possuem um papel essencial na construção da relação da criança com o mundo social. Segundo Lima (2020, p. 56), “essa é uma pedagogia que investe na interação do indivíduo com o mundo, destacando cada vez mais o papel do pedagogo”. Nesse sentido, entra a importância de desenvolvermos as ciências ainda dentro da educação infantil, que contempla a primeira infância. Haile (2018) afirma que “ensinar Ciências é conduzir o aprendizado sobre o mundo nas suas reais dimensões” (p. 31), e oportunizar as experiências científicas dentro da primeira infância é oportunizar a ampliação de novos interesses e vivências significativas.

É necessário que o professor seja o mediador dos processos e experiências vividas pelas crianças. Servindo como uma estratégia de aprendizagem, e não o transmissor dela, o papel do professor na educação infantil, é valorizar as oportunidades de aprendizagem e torná-las mais significativas. Segundo Dias (2019), é necessário que “a experiência da criança seja valorizada, que o professor seja o mediador e que a maturidade da criança seja observada” (p. 23). Os momentos vividos durante o convívio com e na escola, proporciona à criança momentos diferentes dos momentos vivenciados em casa, e esses, por serem compartilhados, muitas vezes se tornam mais intensos e cheios de descobertas. Como professor, precisamos observar esses momentos de experiência e percebermos a maturidade das crianças a partir daquela experiência e a partir daí, promover debates, questionamentos, pesquisas e experimentos. É importante que o professor observe o

interesse das crianças para com essa experiência e a utilize como um potencializador dessa aprendizagem.

Como afirma Haile (2018), o professor, deve relacionar em sua prática pedagógica as experiências e saberes das crianças com uma intencionalidade educativa, que se relacionará com novos saberes. As relações proporcionam às crianças novas perspectivas, olhares e possibilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Vivências e Experiências na educação infantil são de extrema importância para a construção da aprendizagem nessa fase da educação. É a partir das experiências oportunizadas nas vivências cotidianas da educação infantil que a criança desenvolve seu aprendizado e seu interesse pela sociedade. Dentro dessa perspectiva, é possível visualizar o quanto é importante explorar os campos de experiências trazidos pela base e principalmente valorizar cada aprendizado e experiência trazida pelas crianças cotidianamente dentro da escola.

As aprendizagens, com os pequenos, na primeira etapa da educação básica, acontece a partir das brincadeiras e das experiências que essas proporcionam. Vivenciar a docência na Educação Infantil, direciona o olhar para as brincadeiras como potenciais oportunidades de aprendizado. É a partir do brincar que a criança se sente segura para aprender e reconhecer o mundo que ela vive.

Existem diversas Concepções da Infância, e dentro delas, muitas generalizações e conclusões sobre como é viver esse período da vida. É importante que haja uma ruptura desta visão engessada do que significa viver as infâncias e ser criança. Fazer conclusões sobre habilidades inerentes às crianças impossibilita a exploração delas de suas próprias possibilidades, deixando apenas espaço ao que já se conhece e já se determina como verdadeiro. A infância é o espaço de se construir, tanto como sujeito, como indivíduo, como parte da sociedade, o professor precisa estar ciente desta construção e oportunizar às crianças formas de descobrirem mais sobre si mesmas e suas próprias construções.

O Currículo na Educação Infantil deve ser amplo e aberto aos conhecimentos e experiências já trazidos pelos pequenos. Ao desenvolver uma pedagogia que vise promover e valorizar as culturas, conhecimentos e experiências trazidas por cada criança, se está abrindo espaço para novas oportunidades de construção de saberes, podendo assim, abrir espaço para construções de novos olhares sobre a vida e a sociedade para as crianças.

Na Especificidade da Docência na Educação Infantil, pode-se perceber a importância do olhar desse profissional para a infância e seu papel no desenvolvimento desse sujeito. É importante que o professor assuma o papel de facilitador da aprendizagem, proporcionando experiências e novas oportunidades de conhecer o mundo a partir das suas próprias vivências.

REFERÊNCIAS

BARROS, E. R. L. Um diálogo entre formação integral e a educação infantil: aproximações e distanciamentos. 2019. 146 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Educacional) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, RS, 2019.

Disponível em:

<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/9183/Eva%20Rodrigues%20Lopes%20Barros_.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 ago. 2021.

BARROS, M. I. A. Desemparedamento da Infância: a Escola como Lugar de Encontro com a Natureza. 2. ed. Rio de Janeiro: Alana, 2018.

BASSOTO, B. A.; BECKER, E. L. S. Research, Society and Development, v. 9, n. 6, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i6.2514>>. Acesso em: 17 ago. 2021.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução: João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira da Educação, n. 19, jan/fev/mar/abr. 2002.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2021.

BRASIL. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Secretaria de Educação Básica. Brasília : MEC, SEB, 2009.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Ministério da Educação. Brasília, DF, 2018.

DIAS, M. D. B. Iniciativas científicas na educação infantil: identificando limites e potencialidades. 2019. 69 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Franciscana, Santa Maria, RS, 2019. Disponível em: <http://www.tede.universidadefranciscana.edu.br:8080/bitstream/UFN-BDTD/857/5/Dissertaca_MarciaDeniseBeckDias.pdf> Acesso em: 17 ago. 2021.

HAILE, A. C. O ensino de ciências na educação infantil. 2018. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3946/1/PG_PPGECT_M_Haile%2C%20Ana%20Caroline_2018.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2021.

LIMA, M. C. Base nacional comum curricular (BNCC) para a educação infantil: estudo e implementação em uma creche do município de São Bernardo do Campo. 2020. 138 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais. Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/2378/2/Meire%20Cardoso%20de%20Lima.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2021.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: Pesquisa quantitativa em saúde. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-73132003000200004>>. Acesso em: 22 jul. 2021.

SARMENTO, M. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, M.; CERISARA, A. Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Edições ASA, 2004.

SIMIANO, L. P.; SIMÃO, M. B. Base Nacional Comum Curricular para a educação infantil: entre desafios e possibilidades dos campos de experiência educativa. *EccoS Revista Científica*, n. 41, p. 77-90, 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/715/71550055006/html/>>. Acesso em: 17 ago. 2021.